

Renovação

PANFLETARIOS

O centenário da morte do maior de todos — Paul Louis Courier

A França acaba de comemorar o centenário da morte de Paul-Louis Courier, o panfletário. A França não, que a França preocupada com a sangueira da «pacificação» de Marrocos e da Síria, não tem tempo para cuidar das coisas de pensamento. Foram os habitantes de Veretz, na Fouraine, onde Courier viveu e morreu, que recordaram o passamento do formidável panfletário, mestre e criador dessa admirável forma de demolir e apostolar.

Foi realmente Paul-Louis Courier de Meré, o culto helenista, irreverente e mordaz, quem criou o panfleto? Na sua forma actual foi ele quem o reabilitou, pelo menos, dando-lhe elevação, com os seus primores de estilo, as suas maravilhas de clareza, os seus prodígios de saber — e, sobretudo com a sua mordacidade incomparável e o seu aticismo fulgurante. Courier imprimiu ao panfleto, que era só pasquim, as qualidades

vinde cópias, fez as delícias da guarnição em que Courier se encontrava. Verificado o efeito do processo, o panfletário tinha encontrado o que convinha ao seu temperamento combativo de revoltado.

Antes dêle, porém, a crítica acerba mas elegante, com a elevação precisa e a precisa contundência, tinha sido praticada pelos maiores no pensamento e na erudição.

Que são as «Swift» de Demostenes e toda a obra de Luciano e de Menipo, senão planfetos? E o «Apokolokynthos» de Seneca, o filósofo, e o «Satyricon» do elegante Petrónio?

Rabelais foi um enorme panfletário que ironizava e Swift, também clérigo e de aguda inteligência, outro, no género sarcástico.

As «Provinciales» de Pascal, que são senão panfletos contra os jesuitas e Voltaire o que foi de grande senão panfletário?

Durante e antes da Grande Revolução pulularam os panfletos, mas só Camilo Desmoulins é digno do nome de panfletário; Marat, por exemplo, não,

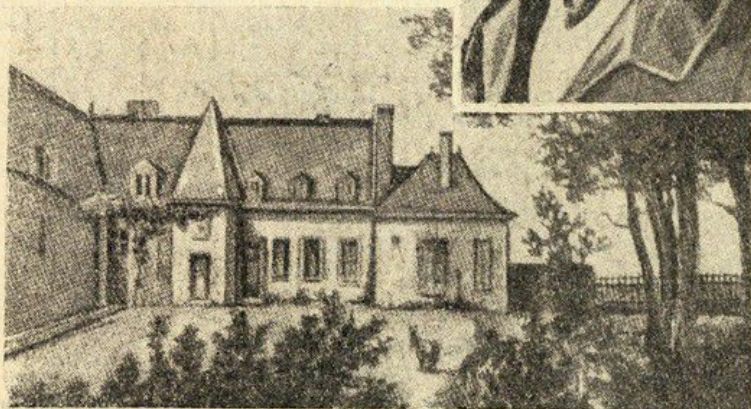
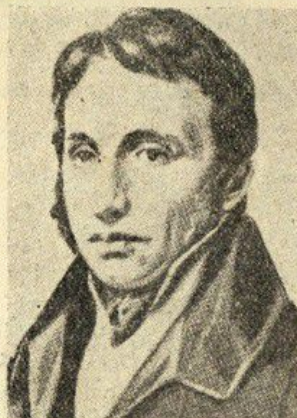
E' que, não se confundiam ontem o simples crítico de costumes ou o escritor satírico, mesmo o demolidor exaltado, com o panfletário, como convem distinguir hoje entre este e o polemista.

O panfletário usa um estilo próprio, inadaptável a outro género de escritos, que não sejam o panfleto, quer ele circule solto, quer se integre num periódico de combate. E' o estilo que Courier criou, resuscitando arcaísmos, dando fóros de cidade a expressões populares causticas, desarticulando a prosa, tornando-a incisiva, contundente e ao mesmo tempo harmoniosa e clara.

A perfeição dêste estilo atingiu-o Courier, na sua última obra, o «Panfleto dos Panfletos» modelo de erudição e aticismo.

E', porém, na «Carta aos senhores da Academia das Inscrições e Belas-Artes», quando eles se recusaram a recebê-lo no seu seio, em substituição do sogro, o sábio helenista, que Courier realiza prodígios de mordacidade. «A petição às duas Camaras», feita em 1819, após a Restauração, ficará como norma do panfleto político.

Courier, que segundo dizia, fôra «soldado por obrigação, camponês por gosto e escritor por passatempo» escreveu ainda uma tradução e comentário de algumas páginas inéditas de «Daphnis e Chloé» de Longus, que encontrara na Biblioteca de Florença; grangeou porém maior fama, com a sua «Carta a Mr. Rénouard», por exemplo do que com essa obra meramente literária. E foi à memória do panfletário e não do helenista, que Veretz prestou homenagem, recordando a sua glória, no primeiro centenário da data do seu falecimento, ocorrido em circunstâncias misteriosas no bosque de Sarçay, perto da sua propriedade de Chavonnière.



Paul Louis Courier — A casa onde o ilustre panfletário habitava

do raio, que deslumbra e fulmina. Purificou-o. Sublimou-o.

Certo, antes de Courier houvera panfletarios. A crítica dos costumes e das ideias foi exercida, com brilho, por alguns dos mais notáveis pensadores, na linguagem própria do panfleto. Fizeram-no, porém, em obras extensas e só Courier teve a presciência de que o folheto, que se lê em toda a parte, que se mete no bolso, que custa pouco, pode realmente interessar a muitos. Para realizar a sua fórmula, aprendia talvez no convívio com os escritores gregos — «Peu de matière et beaucoup d'art», publicava as suas «cartas» e as suas «petições», breves e sarcásticas, em folhetos de pequeno formato, *pamphlet*, como os ingleses lhes chamavam adaptando o *paume-feuillet* francês — folheto que cabe na palma da mão.

Teve Courier a revelação do panfleto, ao escrever, quando tenente de artilharia, uma carta ao General Délon, chamando-lhe patife. Essa carta, de que se tiraram

Paul-Louis Courier, fez escola, porém. Podem considerar-se seus discipulos Cormenin, o violento *Timon*, que tanto combateu a monarquia de Luis Filipe; o extraordinario Veuillot, o maior panfletário que serviu a igreja católica; e o grande Rochefort, mestre do jornalismo.

Ninguém levou tam longe a defesa do catolicismo e dos seus dogmas os mais absurdos, como êsse assombroso Louís Veuillot, que combateu com uma tenacidade e uma violencia inauditas o livre pensamento, o espirito liberal e até o proprio galicanismo de alguns bispos e padres franceses. Defendeu a infalibilidade e o poder temporal dos papas com mais ardor do que o proprio Pio IX. Ultramontano como nunca ninguém o foi, Veuillot, não era católico, nem cristão, nem religioso, era só partidário do Papa.

Henri Rochefort é um panfletario da Liberdade. Atacou o segundo Império com gallardia e fez mais dano a Napoleão II do que os Prussianos. Liberal no «Figaro» republicano na «Marselheza», que fundou, radical-socialista, no «Intransigente», que tambem fundou, Rochefort fez campanhas formidaveis, como a da questão do Panamá e do processo Dreyfus. Os seus duelos, exilios, prisões, contam-se ás dezenas, chegando a ser deportado para Caiena, donde se evadiu. O nacionalismo, porém, absorveu-o no fim da vida e talvez morresse contrito de tanto ter pelejado pela Liberdade.

Outro panfletário enorme e êsse ainda vivo é o alemão Maximiliano Harden, que escreveu, a fogo, o libelo

contra a camarilha militarista, que rodeava Guilherme II, denunciando os seus torpes vícios secretos. O processo que lhe moveu Moltk revelou de forma insofismavel que na Alemanha militarista desde o marechal ao corneteiro, todos se entregavam ás repugnantes práticas da homosexualidade. Ainda há pouco, Harden, que é impenitente, a-pesar-de sexagenário, foi vitima dum atentado dos nacionalistas alemães.

Em França, Léon Daudet, o truculento reaccionario da «Action Française», procura seguir a pegada de Veuillot. Não atingirá a grandeza deste, mas é tambem um panfletario temível.

Em Portugal só João Chagas foi medularmente um panfletário. Os outros foram-no por incidente, desde José Agostinho de Macedo até Fialho de Almeida, para só falar dos mortos. Camiio, o grande sarcasta poderia ter sido um enorme panfletário, e foi-o por vezes, nas suas polémicas pessoais, a que faltava porém a nobreza dum alto ideal. Eça de Queiroz e, especialmente, Ramalho Ortigão tambem culturaram com brilho o panfleto e, dos poetas, Junqueiro e Gomes Leal enfileiram ao lado dos melhores panfletários.

A podridão do existente é tão mesquinha, que nem um panfletário gera. Os raros que o tentam ser, só de tempos a tempos surgem de azorrague em punho, mas logo o desanimo ou a corrupção os emudecem.

O verbo de ouro de Courier, látego brilhante, seria grande de mais para isto.